

Jobim quer devassa em usinas de álcool

MEMÉLIA MOREIRA

Dourados (MS) — Uma força-tarefa integrada pela Receita Federal, pela Procuradoria da Justiça do Trabalho e pela Polícia Federal promoverá uma devassa nas destilarias de álcool que empregam os caietés-guaranis sob regime de semi-escravidão em Mato Grosso do Sul. Esta foi a decisão tomada pelo ministro da Justiça, Nelson Jobim, na madrugada de ontem, em Dourados (MS). Jobim vai conversar com o secretário-geral da Receita Federal, Everardo Maciel, pedindo apoio à devassa.

Com esta medida, Jobim quer reduzir o alto índice de suicídios entre os caietés-guaranis. Conscientemente, a maioria dos jovens suicidas trabalhava nas destilarias Cebritas, Xavante e Nova Andradina. De seus baixos salários, as destilarias ainda descoman as despesas de transporte, alimentação e instrumentos de trabalho dos índios.

A utilização da mão-de-obra indígena em trabalho "análogo à escravidão" já foi denunciada pela Anistia Internacional.

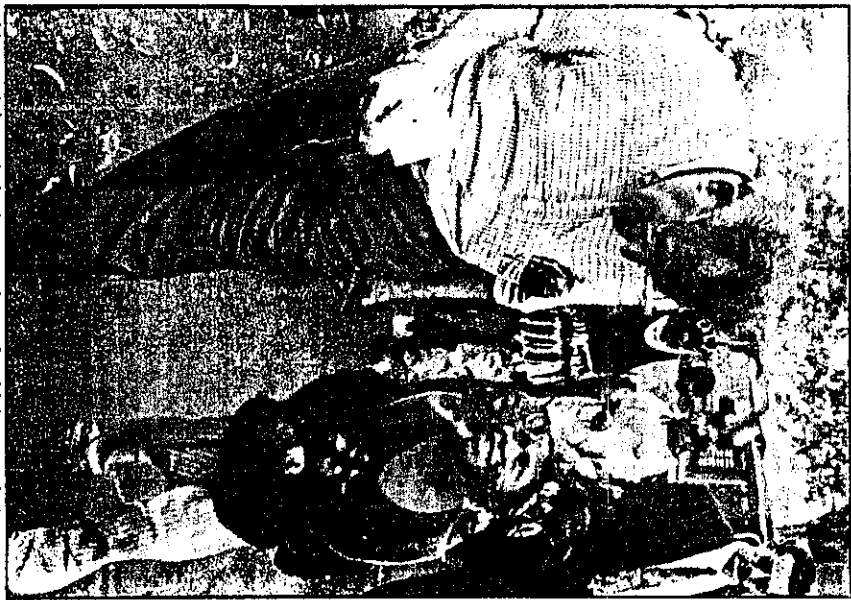
Suicídios — Nas 24 horas em que permaneceu em Mato Grosso do Sul, visitando as aldeias de Bororo, Dourados, Panambi, Linao Verde e Arambai, o ministro da Justiça recebeu a notícia de mais dois suicídios. O primeiro ocorreu na aldeia de Jacaré, às 13h00 de

segunda-feira, dia da chegada do

ministro a Mato Grosso do Sul. Luís Vidal, de 16 anos, enforcou-se com uma corda. O segundo impressionou toda a comitiva do ministro. Foi o de André Paulo, 20 anos, na aldeia de Bororo, horas depois da visita de Nelson Jobim. André enforcou-se às 4h00 da madrugada, a menos de cinco quilômetros do Hotel Dourados Park, onde estava hospedada a comitiva do ministro.

"Agentes" — Tanto Luís Vidal quanto André Paulo foram empregados das destilarias Xavante e Nova Andradina. O mais lamentável do processo de contratação da mão-de-obra indígena é que ela está sendo agenciada por índios. Desempenham este papel os índios do grupo Terena, que exercem uma verdadeira relação de "subcolonialismo" com os caietés, cuja característica é pacífica.

Nos últimos quatro dias, três índios enforcaram. No sábado, foi um rapaz de 17 anos, Odair Lessane. Com uma corda de náilon. Odair morreu à sombra de um abacateiro. Sua irmã de dez anos, Gabriela, encontrou o corpo, pouco depois do nascer do sol. Assustada, Gabriela voltou correndo para a maloca e perguntou para sua tia Miriam: "O que é que o Odair está fazendo... pendurado na árvore?". Ontem de manhã, ela contou que estava triste e quando viu o irmão enforcado, já sabia que ele estava morto.



Nelson Jr./M
Jobim cominha ao lado de uma criança da aldeia Arambai-Guarani

Índios festejam a demarcação

Dourados (MS) — O ministro da Justiça, Nelson Jobim, anunciou ontem, ao final da tarde, na aldeia Panambi, a demarcação da mais tradicional reserva caietés-guarani, a de Panambi. Há 52 anos, aquelas terras são reivindicadas pelos índios, que festejaram com maracas e dhocalhos. O velho cacique Lauro, de 95 anos, emocionado, só conseguia se expressar em seu próprio idioma.

Com a demarcação, os índios daquela reserva passarão a viver em uma área de 1.240 hectares. Atualmente, rotacionados pelas cercas de arame farpado das grandes fazendas de soja e de gado, eles só podem circular em 60 hectares.

O anúncio da demarcação surpreendeu até o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Márcio Santilli, e os deputados Sarney Filho, Gilney Viana e Saulo Cruz, da Comissão de Minorias da Câmara dos Deputados, convidados do ministro. (M.M.)